



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Identidades, Valores e Modos de Vida

**ESTRATÉGIAS DE GESTÃO DOS PROCESSOS DE ACULTURAÇÃO: AS IDENTIDADES PESSOAIS COMO
PROCESSOS EM GERÚNDIO**

VIEIRA, Ricardo

Doutor em Antropologia Social

CIID, ESECS, IPLEiria

r.vieira@ipleiria.pt

Resumo

A partir de entrevistas etnobiográficas com professores, com idosos e com imigrantes brasileiros em Portugal, tenho tentado compreender a identidade como processo inacabado, em gerúndio, de reconstrução ontológica entre o passado (memória) e o futuro (projecto) sendo a aculturação vista como processo de aprendizagem e de transformação de si.

Nesta comunicação, procuro mostrar como os sujeitos interiorizam os vários elementos culturais de que se apropriam, nesse processo de bricolage (Lévi-Strauss, 1977, 1983), e como gerem as várias pertenças e identificações. Simultaneamente, cruza-se a análise com os conceitos de projecto e metamorfose estudados por Gilberto Velho (1981; 1994) para quem a existência de projecto é a afirmação de uma crença no indivíduo-sujeito.

A construção de identidade, tal como a operacionalizamos, consiste em dar um significado consistente e coerente à própria existência, integrando as suas experiências passadas e presentes, com o fim de dar um sentido ao futuro. Trata-se de uma incessante definição de si próprio: o que/quem sou, o que quero fazer/ser, qual o meu papel no mundo e quais os meus projectos futuros, processo nem sempre pacífico e causador, por vezes, de muitas crises e angústias existenciais (Dubar, 2000).

Neste quadro orientador, daremos conta, através das vozes dos entrevistados, das estratégias de gestão das diversidades culturais que atravessam o Ego, essa identidade pessoal que, assim, é sempre, também, social. O Eu é um nós mais monocultural, mais multicultural (ou ambivalente) ou intercultural que gere múltiplas pertenças de modo estratégico, como daremos conta na comunicação.

Abstract

With ethnobiographical interviews with teachers, with the elderly and with immigrants in Portugal, I have tried to understand identity as unfinished process in gerund, an ontological reconstruction of the past (memory) and future (draft) being seen as the acculturation process of learning and transformation of the self.

In this communication, I try to show how subjects internalize the various cultural elements that take in the process of bricolage (Levi-Strauss, 1977, 1983), and how to manage the various affiliations and identifications. Simultaneously, I cross the analysis with the concepts of project and metamorphosis studied by Gilberto Velho (1981, 1994) for whom the existence of the project is the affirmation of a belief in individual-subject.

In this communication, I try to show how subjects internalize the various cultural elements that take in the process of bricolage (Levi-Strauss, 1977, 1983), and how to manage the various affiliations and identifications. Simultaneously, I cross the analysis with the concepts of project and metamorphosis studied by Gilberto Velho (1981, 1994) for whom the existence of the project is the affirmation of a belief in individual-subject.

The construction of identity, such as operationalized, is to provide a consistent and coherent meaning to our lives, integrating their experiences past and present, in order to make sense of the future. It is a constant defining itself: what / who I am, what I do / be, what my role in the world and what my future projects, the process is not always peaceful and causing sometimes many crises and existential angst (Dubar, 2000).

In guiding, We will study, through the voices of the interviewees, the management strategies of cultural crossing the Ego, that personal identity which is thus always also social. The Self is a monocultural us more, more multicultural (or ambivalent) or intercultural manages multiple belongings in a strategic way, as will realize the communication.

Palavras-chave: Identidade, Aculturação, mestiçagem, Trânsfuga

Keywords: Identity, Acculturation, Miscegenation, Trânsfuga

PAP1451

1. A aculturação enquanto aprendizagem e redefinição identitária

Falar hoje de identidade obriga a pensar de forma relacional, processual e dinâmica e não apenas estruturalmente. Implica ligar o passado, o presente e o projeto do futuro. O projeto constrói-se no presente enquanto se antecipa um futuro inevitavelmente ancorado no passado (Vieira, 2009). O projeto antecipa um futuro desejável e a que cada pessoa queira transformar o que não é seu naquilo que quer para si; que quer que seja seu. Busca assim uma síntese com a ação que ele quer. Constrói-se assim o Eu, resultado de múltiplos processos de bricolage e aculturação (Vieira, 2011).

De alguma forma, essa construção tem como matriz cultural o outro. Em boa verdade, são os outros que constituem os referenciais para se ser ou, pelo menos, parte dos outros reajustadas ao eu que se torna assim num nós. Um meu que, portanto, é sempre um eu plural. Um eu que, assim, é sempre um eu multicultural em termos de construção, no sentido de matizado de diferentes influências. Trata-se de uma tarefa tipo bricoleur, como escreveu Lévi-Strauss (1962), a propósito de que este constrói todo o tipo de coisas com a matéria prima que tem à mão. Trata-se, também, como muito bem analisou Roger Bastide, de pensar a aculturação como um processo de transformação da cultura pessoal, de complexificação do self, recorrendo os sujeitos, por vezes, a estratégias identitárias para conviverem entre diferentes e não como um processo de desculturação. Bastide, sociólogo e antropólogo (1898-1974), construiu, a este propósito, o conceito de “princípio de corte” (1955) que constitui um mecanismo de defesa da identidade cultural e que permite romper com a ideia “feita” da esquizofrenia cultural atribuída aos afro-brasileiros quando não compreendidos do seu próprio ponto de vista.

Vistos os contactos culturais como formas de complexificação e mestiçagem (Laplantine e Nouss, 2002) do eu, podemos dizer que somos, cada vez mais, multiculturais, interculturais às vezes, compósitos, translocais e menos monolíticos (na construção social e pessoal já que, nas atitudes, às vezes, o local raia o umbilicalismo). Porventura, não somos apenas uma única coisa facilmente definível e não somos apenas de um sítio. Não nos sentimos de uma única terra; vivemos em mais que um lugar. Por isso estamos; verdadeiramente, não somos. Em vez de sermos, estamos. Estamos em trânsito.

Por isso afirmamos que a mestiçagem não é um produto acabado. É-o apenas num dado momento. A Mestiçagem é também processo vivo em vias de “tornar-se” outra coisa: “A especificidade de uma cultura ou de um indivíduo resulta de combinações infinitas que podem ser produzidas fora de nós, mas também em nós – as hipóteses são múltiplas –, de ajustamento entre termos heterogêneos, dissemelhantes, diferentes, numa palavra, da reformulação de diversas heranças [...]” (Laplantine, e Nouss, 2002: 76-77). Esse produto/processo não é planificável. Há como que uma química social que faz emergir sempre um novo todo singular, resultado de forças objetivas e subjetivas do agenciamento.

Esta lógica do pensamento mestiço, que se opõe ao pensamento monista dominante, deixa-nos, por vezes, apreensivos. Efetivamente, somos muito o produto do cartesianismo e do positivismo que nos ensinou durante séculos a pensar factualmente e não processualmente; a pensar em estruturas e não em processos. E quando se fala em mestiçagem, não se trata simplesmente de juntar, misturar, cruzar, etc.. A mestiçagem, enquanto processo de aculturação, deverá ser considerada como algo diferente de justaposição ou de fusão: “remete para a tensão constitutiva da relação de diferentes, para o dinamismo que ela implica [...] E para a conflitualidade criadora”. (André, 2005: 126).

Também o processo de ensino/aprendizagem leva à mestiçagem de saberes e do próprio eu. Serres (1993) mostra que a prática é o caminho para o saber – precisamos experimentar, precisamos da prática. Ao experimentar estamos também a dar-nos à possibilidade de nos relacionarmos com outros, sendo que dessa relação surgem também terceiros. Se surge um terceiro lugar que corresponde à relação que se estabelece entre os dois, surge também um outro terceiro em nós e um outro naquele com quem estabelecemos a relação – o outro passa a ver e a conhecer uma terceira pessoa. O Terceiro Instruído refere-se, assim, àquilo que surge entre duas margens – entre a direita e a esquerda, entre o homem e a mulher, entre uma margem do rio

e a outra. Noutro lugar, refiro-me a esta matéria dizendo que “1 e 1 = 3”, na medida em existe um terceiro – a relação que se estabelece entre ambos, a transformação (Vieira, 1999 b).

2. Identidades pessoais plurais: uma socioantropologia da pessoa

Poder-se-á dizer que este texto tem algumas proximidades com algumas psicologias, designadamente com a psicologia cultural preconizada por Bruner (1997; 2000). É verdade, não o negamos. De resto, referimo-nos, noutros lugares (Vieira, 2009; Vieira, 2011) a essa triangulação disciplinar para estudar a identidade: antropologia, sociologia, psicologia. Contudo, não nos devemos esquecer que, por vezes, há autores que põem mais a tónica nas divergências que nos pontos de encontro entre estas disciplinas. E é bem verdade que há uma história, de resto bem recente, das ciências humanas que mostra os vários cruzamentos em que estes domínios científicos se tocam.

Marc Augé, criticando de certa forma Marcel Mauss que identifica o indivíduo com a sociedade da qual não é mais do que uma expressão, a propósito do seu facto social total que mutila a individualidade, põe bem em ênfase o modo como hoje se coloca a questão: “[...] o social começa com o indivíduo; o indivíduo releva do olhar etnológico. O concreto da Antropologia está nos antípodas do concreto definido por certas escolas sociológicas como apreensível segundo ordens de grandeza das quais foram eliminadas as variáveis individuais” (Augé, 1994: 27).

Também Lahire (2002), que se situa numa sociologia bem antropológica que não quer perder a dimensão do sujeito e do indivíduo, reflete sobre esta questão e fala mesmo do campo de uma sociologia psicológica que distingue da psicologia social, que, pouco a pouco, tem vindo a emergir nos estudos sobre as identidades. Bernard Lahire, na sua convicção de que é possível construir um psiquismo sociológico, bate-se contra aqueles que ignoram a dimensão individual na construção do social e ficam agarrados à ideia generalista de coletivo, grupos sociais, comportamentos médios, etc. resultantes da herança de Durkheim por vezes mal apreendida. Por isso cita bastas vezes a divisão de consciência coletiva e consciência individual proposta por Durkheim:

« [...] Esta divisão em dois “seres” ou dois “grupos de estados de consciência” foi, sem dúvida, feita no começo com a intenção estratégica de demarcar a sociologia da psicologia e de prevenir toda a tentativa de redução do social ao psicológico, ao individual (explicar o social pelo social). [...] Ou ainda que «toda a sociologia é uma psicologia, mas uma psicologia sui generis. [...] No fundo, a sociologia «acaba chegando a uma psicologia», mas uma psicologia que Durkheim julga «mais concreta e complexa do que aquela que fazem os psicólogos puros» (Durkheim, 1975: 185) de seu tempo” (Lahire, 2002: 192).

Jean-Claude Kaufmann (2003) escreveu mesmo um livro intitulado “Ego, para uma sociologia do indivíduo” onde frisa bem que “o senso comum representa o indivíduo como um bloco, homogêneo, separado da sociedade, dirigido por um centro clarividente, até mesmo racional nas concepções (as crenças) mais extremas. A realidade do sistema de produção concreta está no exacto oposto desta representação. O indivíduo é um processo, mutável, apanhado numa confusão de forças contraditórias” (Kaufmann, 2003: 243).

A reflexão e análise que aqui se faz pretende compreender as metamorfoses culturais que ocorrem na vida dos indivíduos em consequência das convergências e divergências dos trajetos de vida face à cultura de partida. Assume, pois, a ideia já não tanto de uma sociologia ou de antropologia das sociedades e das culturas mas, antes, de uma socioantropologia das pessoas, elas próprias processos culturais em auto e heteroconstrução/reconstrução de si mesmas e da imagem que dão para os outros.

3. Entre o passado, o presente e o futuro: a reconstrução de si

A pessoa não é apenas passado. A pessoa é também presente e é projeto (cf. Velho, 1981 e 1994; Vieira, 1999 b; Boutinet, 1992; Carvalho, 1992; LeGrand, 2004; Bourdieu, 2005). Como vimos,

Michel Serres (1993) põe bem em evidência o facto de em todos os processos de aprendizagem e de construção e reconstrução da identidade por que passamos ao longo da nossa existência se transitar de uma margem para a outra de um rio, metaforicamente falando, sendo que entre as duas há um centro – um centro de dúvida, de todas as possibilidades, de oportunidade para tomar todas as direcções. Esse centro é como o ponto central de uma estrela que irradia em todas as direcções. Por outro lado, este lugar central, a que o autor atribuiu o nome de “terceiro lugar” ao longo de toda a obra, é um local de transição, de mudança de fase e, por conseguinte, de sensibilidade, com obstáculos – de exposição. O autor refere-se a esse terceiro lugar como algo necessário à aquisição de conhecimento, à aprendizagem e também como algo que proporciona uma constante instrução a um “terceiro instruído” – aquele “mestiço”, resultado de meios-termos entre diferentes locais e caminhos possíveis de percorrer que cada indivíduo experimenta ao longo das aprendizagens que faz ao longo da vida .

A estratégia de gestão da aculturação do oblato (Vieira, 1999, 2009, 2011) acaba por ser a de educar os seus filhos para a nova sociedade e leva-os a negar o passado. Alguns adolescentes e jovens vêm a lamentar da ausência de passado que os leva, depois, em busca das suas raízes nos países de origem dos seus antepassados.

Na estratégia do trânsfuga intercultural (Vieira, idem) há uma aceitação da nova cultura sem rejeitar a antiga. O trânsfuga intercultural integra a cultura do país de chegada no seu universo pessoal o que dá uma nova dimensão à cultura de origem sem a destruir ou substituir, dando-lhe uma terceira dimensão resultante da integração comparativa do eu e do outro, do nós e do eles.

Os professores, imigrantes e idosos de tipo trânsfuga intercultural, que apresento de seguida, aceitam que são mestiços culturalmente e não têm qualquer problema em viajar até aos contextos do passado, consciencializando-se do que deles tiraram para a reconstrução da identidade pessoal atual e para a construção de novos projetos, verbalizando-o assertivamente.

4. Identidades em gerúndio

4.2. Sendo Professor

Como se chega a professor? Como se é a pessoa que é? Por que é que alguns assumem duas posturas corporais, comportamentais, linguísticas, identitárias, enfim, culturais, no sentido antropológico amplo do conceito, conforme se está no mundo da escola ou na vida que fora dela acontece e se vive? Por que razão emergem os oblatos? Como se (auto)constrói o trânsfuga intercultural?

O caso da Elsa Santos

Quando era aluna da Escola do Magistério Primário da Guarda, a Elsa mudou, rompeu, inovou, quando leu o Eurico o Presbítero, perante o bibliotecário atónito. Estava instituído que esse era um dos livros proibidos. Passou a ser permitido, pelo menos para ela. Tanto insistiu que a deixaram lê-lo. No tocante a obrigações académicas, foi a única que não passou um trabalho - o perfil psicológico - porque o professor o exigiu no dia seguinte a um baile consagrado para a cidade onde estudava. Ela teve a coragem de romper com o sistema. Por outro lado, perante um pai muito tradicionalista, com tudo muito bem hierarquizado e fixo, em que quem sabe é o homem, que é quem manda e dita, ela sempre se opôs, e, de entre os irmãos, sempre teve coragem de dizer o contrário, mesmo consciente das consequências que poderiam daí advir.

Hoje a professora Elsa diz que prefere relacionar-se com a gente humilde, não com "Os Zés finos": "como já lhe disse, gosto de falar mais com a gente humilde do que com os Zés Finos. Dos Zés finos não gosto muito. Não que trate mal alguém, mas dou-me melhor, estou mais à vontade ...". Prefere então trabalhar em aldeias ou mesmo nos subúrbios das cidades. Penso que essa preferência acontece justamente porque ela é uma transfuga que não renega o passado e que não se identifica também com o elitismo. Aliás diz não gostar das grandes cidades. A Elsa está muito mais próxima do código linguístico, da gramática cognitiva, de atitudes, etc., e da ética dos camponeses do que da dos urbanos. Isto torna-a empática não só com os alunos desfavorecidos, que acarinha, ajuda, protege, como também a torna mais ativa e comunicativa com os próprios pais deste tipo de alunos. Com eles discute, sugere, pede e enfrenta se necessário. A comunicação com os mesmos é eficaz porque usa estratégias de mostrar o seu eu que acaba por se identificar com o eles em muitos aspetos. Em vez de hiatos, rupturas, consegue continuidades, apoios, envolvimento dos pais, contrariamente ao que acontece com os professores que se assumem como distantes, mesmo que também muitos deles sejam provenientes de meios semelhantes, como é o caso da Fátima que abordarei a seguir.

É o género de professora/assistente social, animadora local/professora missionária: ensaia teatro depois das aulas, treinava andebol, organiza "cafés-concertos" para os fins de semana da comunidade, etc. Envolve-se parentalmente com os alunos e famílias: torna-se madrinha dos alunos (crisma) e visita-os mais tarde. Cria uma relação muito humana, de amizade e afetividade a partir das relações pedagógicas. Traz os alunos a casa nas férias e por vezes diariamente para lanchar. É uma memória que guarda de quando era aluna e adorava ir a casa da professora primária.

O pai da Elsa, também é verdade que não a deixava pisar o risco. Mas, como ela refere, "quanto mais me proibem, mais me apetece fazer". Então ela transgredia e inovava criando alternativas. No entanto o pai era um modelo que estava sempre presente - modelo de conduta irrepreensível.

A primeira professora que teve é um modelo de conduta no seu quotidiano: "não batia; era bonita; falava com doçura e ternura". Tinha um relacionamento muito próximo com os alunos. A própria Elsa conta que ia a casa da professora, com muito empenho e muita alegria e levava-lhe flores e depois lanchava com ela. Parece-me claro que esta memória agradável foi transportada para os seus hábitos de hoje como professora.

Sempre se preocupou com os mais desfavorecidos, isto quer em Portugal quer em Moçambique onde leccionou também quando acompanhou o Marido no seu trabalho. Parece-me que isto terá também a ver com a memória que guarda do tempo em que era criança. Desde aí veio a desenhar-se-lhe uma filosofia da harmonia e da luta contra a exclusão social e o racismo assim como uma empatia para com os alunos e a sua epistemologia.

Elsa. - Bem, eu sempre procurei tratar os alunos como iguais, as diferentes "raças" e tudo.

INV. - Quando está com as crianças, tanto cá como em Moçambique de alguma forma a sua infância é transportada para o presente, para perceber os miúdos com quem trabalha?

Elsa - Bem, não sei se é consciente ou inconsciente, mas acho que sim. Hoje, estou por vezes muito esquecida mas, é engraçado, não me esqueço nunca de determinadas coisas da minha infância e do que eu sentia como criança. E talvez seja por isso que eu gosto tanto de crianças. É que eu tenho um mundo de criança cá dentro. Isto não quer dizer que eu não dê os meus erros a educar, inclusivamente os meus filhos. Mas realmente sempre tive um bom relacionamento com as crianças.

Moçambique contribuiu bastante para a construção duma hermenêutica intercultural na mente do casal Santos. Ambos aprenderam a respeitar a alteridade e a comunicar na lógica local assim como a buscar o entendimento do entendimento.

"É que, vivendo no mato eu vivi uma experiência extraordinária, uma riqueza tão grande que dava para comparar com a cidade, com Portugal, com tudo. Deu-me para perceber melhor os povos e as suas

diferentes vivências. Deu-me para perceber que a política que o Governo Português estava a utilizar não era a melhor para o Ultramar. Deu para eu perceber que as pessoas têm ideias pré-concebidas mas erradas; e que só conhecendo os povos, só convivendo, sentindo na pele é que se consegue perceber. Isto deu-me portanto uma riqueza interior muito grande. Acho que me tornou melhor como pessoa. Tive alunos excepcionais pretos assim como tive também maus alunos. Deu-me uma grande experiência. Há coisas na nossa vida que nos marcam e que depois influenciam toda a nossa maneira de ser através dos tempos”.

Sob o lema de querer tratar todos por igual, teve que intervir - ser como que a enfermeira que quis ser em criança, mas ao nível social, uma assistente social, portanto - várias vezes, tendo que enfrentar adversários bem posicionados politicamente e correndo portanto o risco de perder o confronto. Reforçou assim também a sua persistência.

A experiência de Moçambique terá contribuído não só para relativizar o pensamento da Elsa, para a tornar mais reflexiva, compreensiva das diferenças, assim como para lhe dar um certo entendimento do outro num perspectiva étnica, própria de cada grupo cultural.

4.2. Sendo migrante

Através da análise de histórias de vida de imigrantes, tenho como objectivo descrever os modos como viveram as experiências de migração e como esses processos influenciaram as suas atitudes a propósito da diversidade. Pretendo também examinar de que forma as histórias de vida são actualizadas no quotidiano, e daí as possíveis maneiras de os imigrantes integrarem as suas culturas de origem no processo de aculturação que estão a viver (Vieira e Trindade, 2008).

Apresento o caso do Rowney, um imigrante brasileiro em Portugal.

Ao contrário do que habitualmente se assume nos estudos culturais, sobre imigrantes, que tendem a explicar as patologias sociais e mentais como resultado de desenraizamento, especialmente entre filhos de imigrantes, alegadamente atormentados por viverem divididos entre culturas diferentes, acredito que os sujeitos têm a capacidade para viver confortavelmente e sem qualquer espécie de patologias em mundos diferentes. O comportamento patológico é consequência da interiorização de uma identidade estigmatizada e não o resultado do desenraizamento cultural. Muitos estudos sobre imigrantes têm provado este facto (Bastide, 1955).

Os imigrantes que vivem entre culturas podem escolher entre uma atitude pragmática de integração na sociedade de destino, ou, pelo contrário, privilegiar uma dimensão ontológica, vivendo de acordo com a cultura de origem. Neste caso, o apelo das raízes influencia o comportamento podendo levar à recusa da cultura de chegada. Há ainda um tipo de estratégia identitária que é a de viver perfeitamente entre os dois mundos.

Antes de emigrar para outro país as pessoas já têm características socioculturais, tais como disponibilidade para entrar em diálogo, o ter ou não empatia, e uma aptidão para a comunicação intercultural, que podem tornar o processo de integração mais fácil.

A principal ideia da nossa mensagem é a de que o imigrante é uma pessoa portadora de cultura(s) que se vai mestiçando com as novas, reconstruindo a identidade pessoal (Vieira, 2011).

Rowney

Rowney é imigrante da primeira vaga de imigração, dos inícios dos anos 90. Tem formação superior e é cirurgião dentista em Leiria, Portugal. Ao contrário dos imigrantes apresentados antes, o seu discurso acusa já um tempo longo de vivência em Portugal, e de transformação. Está em Portugal há dezassete anos. Tem

uma família luso-brasileira: a mulher é portuguesa, do Porto, tem duas filhas do primeiro casamento. Embora nascidas em Portugal, não lhes foi concedida na altura a nacionalidade portuguesa, devido à legislação que vigorava então.

Rowney reclama para si o direito de ser tudo: da primeira, da segunda e de todas as margens. Assume-se como um projeto em aberto:

“Eu sinto-me um cidadão da Terra. Eu não sou aquilo que nasci, eu sou o que construí, eu sou o que sou hoje. Se vai ser assim amanhã, não sei, provavelmente não. Provavelmente amanhã vou juntar mais coisas, mais aprendizagens, mais experiências e se calhar vou estar diferente, vou estar com outras visões, até me posso tornar um fundamentalista ou ainda um indivíduo mais aberto do que sou hoje. Não vejo as coisas com essa fixação no tempo. A minha experiência de vida foi fundamental para essa minha capacidade camaleónica de me adaptar”. Por isso constitui um caso prático do modelo do “eu intercultural” descrito atrás (Vieira e Trindade, 2008).

A sua adesão à cultura de origem faz-se por um apego às tradições alimentares do Brasil e pela firme recusa dos pratos tradicionais portugueses. Esta identificação primordial é também fortemente reivindicada através de um investimento afetivo na escola de samba a Portela, ou no clube de futebol brasileiro, o Flamengo; investimento que não faz em qualquer clube português.

“Não me peçam para torcer por outra escola que não seja a Portela, não vale a pena, é a escola de samba do meu coração cujas cores são azul e prata. Eu assisto ao desfile da Portela religiosamente os outros vejo (risos), é um pouco ritual, também há o ritual quando sento para ver o Flamengo a jogar não é a mesma coisa que sentar para ver o Porto jogar ou o Benfica. Quando o Flamengo joga saiam de perto de mim porque aí o fundamentalismo quase chega às raias da loucura (risos) tenho os meus pontos fracos, sou humano.

O Flamengo é que é o meu coração, o que é que eu vou fazer eu não consigo torcer por outra equipa. Quando estão ali duas equipas a defrontarem-se escolhe-se uma para ter mais simpatia mas não me consigo fixar por outra equipa, não dá para sofrer, é o Flamengo”.

O futebol funciona como âncora de apego à cultura de origem, essa dimensão ontológica, e o apelo das raízes, é reforçada pelas preferências alimentares, inequivocamente brasileiras.

“Eu não me adaptei facilmente do ponto de vista alimentar, na altura em que cheguei a Portugal, os cozidos, os grelhados não faziam parte da minha alimentação, eu até hoje continuo a alimentar-me brasileiroamente, abomino couves, então caldo verde é uma questão fora de qualquer conversa, o cozido à portuguesa é um prato que não me serve para rigorosamente nada, entretanto o bacalhau do jeito que for, “marcha” que é uma “gracinha”, tenho um “asco” de sardinha assada para mim aquilo é a visão do inferno, é o quadro de Dante bem pintado, mas em contra partida sou apaixonado por um robalinho grelhado, há uma identificação com as coisas e não com a nacionalidade delas.

E posso me gabar de ter ensinado a minha esposa a fazer muita coisa que ela faz hoje, de comida brasileira e não só”.

A Metamorfose

É o olhar dos outros que permite objetivar a transformação operada e tomar consciência dessa disjunção da identidade (Vieira, 2009).

“Eu não sou o Rowney sempre, muitas vezes não tão diretamente, mas mais pelas costas, eu sou “O Brasileiro”, ah é aquele médico brasileiro. Isso dá-te uma dimensão da importância da conduta que

cada indivíduo como uma individualidade tem fora do seu país, você é representante do seu país. Não, sou brasileiro, mas também posso dizer que sou português”.

A fuga pela terceira margem do rio

Com um pé em cada margem, onde criou raízes, Rowney é como uma orquídea, viajando pelo espaço em busca da terceira margem, o lugar que não existe em parte nenhuma, ou que poderia ser qualquer lugar da Terra (Serres, 1993).

“Claro que eu tenho raízes, não há como negar isso, agora não quer dizer que eu não possa estar bem onde estou. As raízes das orquídeas estão metidas na árvore que as sustenta, mas elas às vezes vão até o solo, as raízes das orquídeas são muito grandes, a planta é que é pequenina. A sensação que eu tenho é que o Brasil é pequeno demais, Portugal é pequeno demais. Se por qualquer razão eu tivesse que ir viver para a Rússia ou para a Bulgária eu iria, não sei se teria mais ou menos dificuldade, mas eu não encararia com nenhum receio o facto de ir viver para a Bulgária.

O emigrante é um sem terra, não tem lugar no mundo, haviam de criar imediatamente a “Imigrónia” [risos] porque é um problema seríssimo, eu aqui em Portugal sou brasileiro e quando vou ao Brasil sou português. A “Imigrónia” não existe, eu não tenho canto. Hoje quando vou ao Brasil toda a gente me chama “O Português”.

4.3. Sendo velho

Segundo Neusa Gusmão, “cada velhice é consequência de uma história de vida” (Gusmão, 2003; Fernandes, 2004; Pimentel, 2001). Por isso esboço aqui, de forma rápida, o percurso de vida de um idoso independente para compreender como a qualidade de vida tem muito de subjetivo, da maneira como se vê e vive a vida e dos projetos e objetivos que ao longo da mesma se vão criando como metas a alcançar para a realização pessoal.

A saúde física apresenta-se como tendo um peso enorme no bem-estar global do idoso mas não devemos esquecer que nem todos terminam acamados, debilitados ou com poucas capacidades mentais. Também aqui, a reconfiguração das identidades, o assumir de um self em (re)construção entre o ontem, o hoje e o amanhã é vital para assegurar as dimensões subjetivas da qualidade de vida, tão importantes quanto as mais objetivantes.

Quem Sou Eu? Os sonhos de um idoso de 88 anos

“[...] um homem para ser homem tem de ser um insatisfeito.”

Encontrámos o Sr. José Júnior a deambular pelo seu quintal muito concentrado na tarefa de cortar umas ervas daninhas “da qualidade teimosa como as mulheres”. Homem de baixa estatura, mas de corpo rijo, o Sr. José, ou Sr. Zé, como lhe chamamos, é um homem muito ativo, nos seus 88 anos, arranjando sempre maneira de entreter o corpo e a “ideia”... *“desando p’ra um lado, desando p’ró outro, tenho sempre que fazer... sempre, sempre, sempre...”*

A primeira coisa de que nos falou, muito emocionado, foi do “dom que nasce com nós” aquele “mistério que nasce com a pessoa” que “não se vê, nem se ouve, nem se sente... só o próprio é que o sente...” mas do qual

ninguém pode fugir e que determina as nossas ações. “*Não é preciso esperteza, nem estudo*” o dom de cada um é que nos guia pela vida.

O dom do Sr. Zé fê-lo querer sempre mais e melhor da vida “*tão não sabe que um homem para ser homem tem de ser um insatisfeito*”.

Durante muitos anos foi alfaiate, mas “depois de casado” decidiu “montar a fábrica de plásticos”, “a ideia não parava, ainda hoje não parou”. Mais tarde voltou para o ofício de alfaiate e posteriormente para a agricultura, atividade que aliás foi sempre exercendo paralelamente “p’ra arranjar pró tacho, p’ra comer”.

Fez várias viagens. Fê-las já depois de reformado. Antes “o dinheiro não chegava”.

Quando lhe perguntámos a que é que ele pensava que se devia a sua vida já tão longa, o Sr. Zé não teve com meias palavras, respondeu-nos francamente o que já tem pensado: “devo isto em primeiro lugar à alimentação” mas “eu cá no meu pensar devo esta vida prolongada ao meu comportamento com a sociedade. Eu procurei sempre viver uma vida correcta, honrada perante as pessoas, educada, não os prejudicar, sempre agradável, na medida das minhas posses, dos meus conhecimentos”.

Um dia atrás do outro...

“[...] faço tudo o que eu quero fazer e o que eu penso fazer ainda faço.”

A vida do Sr. Zé, baseia-se nesta simples frase, hoje vai vivendo, um dia de cada vez. José Júnior, 88 anos, diz que a sua vida já passou. No entanto, todos os dias concretiza as suas tarefas, todos os dias sonha, projeta.

Zé alfaiate, como passou a ser tratado entre nós, levanta-se às sete, sete e meia para esperar a padeira; “[...] tenho que comprar pão pa comer. Porque não posso viver do ar, nem posso viver do dinheiro” O dinheiro “tem que se transformado [...] em alimento”. Às dez horas toma o pequeno-almoço, às duas almoça e entretém-se o resto do tempo ao redor da sua casa. Naquele dia, sentou-se ao sol (protegido por um guarda-sol que tem pendurado num arame) e esteve lá a remendar um tapete. De resto, o Sr. Zé arranja sempre que fazer, “[...] passo por aqui, agarrado ao sacho, vejo uma erva, da qualidade de teimosa como as mulheres, corto-a. Vejo [...] outra erva daninha, corto-a, vou para o outro lado, faço o mesmo, desando p’ra um lado, desando p’ro outro, tenho sempre que fazer... sempre, sempre, sempre”. Mais tarde, virá a dizer que isto das ervas é como um desporto. “[...] o meu desporto é este... uma ervazita [...] teimosa, que é a erva das mulheres [...]”.

Zé alfaiate, de calças meio lavadas, sapatos esburacados, roupa a estragar-se das traças. Diz ele, “[...] sou um desgraçado”, no entanto, mantém viva a chama de viver. Sonha escrever um livro e questiona-se acerca das coisas e do futuro e se na maior parte das vezes não consegue encontrar repostas, “estuda”, pensa sobre o assunto e cria aquela que acredita ser a melhor solução para determinada questão.

Quando precisa de ir ao médico, depende da caridade de amigos, conhecidos ou vizinhos que o levam e o tornam a trazer a casa. Certo é que o senhor Zé tem um “papa reformas”, como ele próprio o designa, e faz referência aos problemas do carro que está parado, imensas vezes ao longo do seu discurso.

Diz que deve a sua longevidade à alimentação e ao comportamento que teve perante a sociedade. Em nossa opinião, o Sr. Zé deve muito aos seus sonhos; às coisas que ainda pensa fazer. Já dizia o poeta que “o sonho comanda a vida” e neste caso parece ser bem verdade.

O Homem Político...

“[...] isto anda de qualquer maneira. Anda como a cortiça ao cimo da água do mar [...]”

Durante a nossa longa conversa o Sr. José demonstrou ser uma pessoa informada, que assiste às notícias com regularidade.

Revelou, posteriormente, uma preocupação e interesse em relação à política, manifestando as suas convicções e a sua faceta participativa.

Contou-nos que escreve cartas aos governadores:

“[...] tenho escrito muito, mais é cartas p’ros governadores. [...] Porque ultimamente, foi para o ..., para o Santana. Já tinha escrito ao Portas, tinha escrito ao...a vários. Ai, a última... A última foi para o Félix. [...] Foi sobre as rendas das casas.” E por vezes obtém resposta:

Respondem, o que é que...é uma resposta à maneira deles, é uma resposta, claro, agradecem o que escrevo, aceitaram, ficaram a pensar no assunto [...]”

E o Futuro?

“vem aí uma época de miséria (...) 20 anos de miséria...”

Embora já com alguma idade, o Sr. José ainda tem planos para o futuro. Começa por nos dizer que gostava de escrever um livro sobre histórias de vida, relatando a sua própria história onde incluiria a vida de um alfaiate, ou quem sabe, até escreveria outro livro apenas com essa temática: “é uma história [...] histórias da vida.”.

As suas ambições não ficam por aqui. Mostra o desejo de criar uma associação que abranja todos os idosos do distrito de Leiria, Portugal, entre tantos outros projectos de que não há espaço aqui para falarmos agora.

5. Notas conclusivas

As circunstâncias e experiências de vida variam enormemente, tal como os indivíduos envolvidos no processo de construção de uma ou outra maneira de ser e de pensar. A aculturação, seja resultante da interação em contextos presentes bem diferenciados seja resultante da reelaboração do eu de ontem e do eu de hoje, produz processos identitários sempre em gerúndio.

Relativamente aos professores, as entrevistas que realizámos deram-nos variadíssimos exemplos para mostrar como os sujeitos entrevistados se redescobrem, racionalizam experiências passadas, opções tomadas, etc., pela possibilidade de terem alguém que os ouve e os questiona a partir das suas próprias lógicas e contextos poderiam ser imensos, como é estudado noutros textos (Vieira, 2003).

Ao pesquisar as diferentes histórias de vida dos imigrantes, aqui brevemente apresentados, procuro reconstruir as viagens e experiências específicas que desde a infância até à idade adulta contribuíram para o desenvolvimento das suas atitudes perante a diversidade humana (em alguns casos meramente multiculturais e noutros interculturais), incluindo, claro, o seu comportamento social e os seus hábitos.

No caso da alusão feita aqui ao estudo de idosos com recurso a histórias de vida, surpreendeu-nos encontrar um senhor já com 88 anos mas com tantos projetos de vida, projetos estes que o orientam em todo o seu percurso biográfico e que o mantêm vivo social e politicamente. Depreendemos do seu discurso que estamos perante um homem com um acutilante espírito crítico e uma grande ambição, projeto que o traz bem vivo na vida quotidiana (Velho, 1994).

A identidade é, assim, um processo complexo e dialéctico, é uma (re)construção permanente, flexível e dinâmica, é uma “constante reestruturação – constante metamorfose – para um novo todo” (Vieira,1999b: 40).

Um todo construído a partir das interações estabelecidas pelas partes. Aqui, o termo “interação” revela-se fundamental para entender todo este processo que subjaz a esta identidade compósita da pessoa. Com efeito, as partes constituintes deste todo não se encaixam umas às outras como se, literalmente, de um “puzzle” se tratasse. Portanto, a (re)construção da identidade pessoal e social é um processo complexo e intrínseco a cada indivíduo, (eu sou exclusivamente eu, embora tenha muitos outros e de outros), não é uma mera reprodução da esfera social e cultural onde ele se movimenta. Até porque mesmo os grupos sociais, (a palavra encontra-se propositadamente no plural, pois os indivíduos encontram-se sucessiva ou simultaneamente ligados a diferentes grupos) como observa Lahire (2002), reportando-se a Halbwachs, não são homogêneos nem imutáveis, e os indivíduos que os atravessam são também o produto “matizado” desta heterogeneidade e mutabilidade (cf. Velho, 1981: 26-29). Todas as vivências que vão marcando todo um percurso de vida, desde a infância à idade adulta, memórias de todas aquelas pessoas e situações, que, quer de uma forma positiva ou negativa, se tornaram significativas e significantes, não se vão simplesmente acumulando, nem são sintetizadas de forma simples e elementar. A aculturação é um processo de criação, não de adição ou subtração.

Referências Bibliográficas

André, João Maria (2005). *Diálogo Intercultural, Utopia e Mestiçagem em Tempos de Globalização*, Coimbra: Ariane Editora.

Augé, Marc (1994). *Não - Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, Lisboa: Bertrand.

Bastide, Roger (1955). *Le principe de coupure et le comportement afro-brésilien*, Anais do XXXL Congresso Internacional de Americanistas, São Paulo, Vol. 1, pp. 493-503.

Bourdieu, Pierre (2005). *Esboço Para uma Auto-Análise*, Lisboa: Ed. 70.

Boutinet, Jean - Pierre (1992). *Anthropologie du Projet*, Paris: PUF.

Bruner, J. (1997). *Actos de Significado*, Lisboa: Ed. 70.

_____ (2000). *Cultura e Educação*, Lisboa: Ed. 70.

Carvalho, Adalberto Dias de (1992), *A Educação como Projecto Antropológico*, Porto, Edições Afrontamento.

Dubar, Claude (2000). *La Crise des Identités. L'interprétation d'une Mutation*, Paris : Presse Universitaires de France.

Gusmão, Neusa (2003) (Org.). *Infância e velhice – pesquisa de ideias*, São Paulo – Brasil, Alínea Editora.

Kaufmann, Jean- Claude, (2003). *Ego. Para uma Sociologia do Indivíduo*, Lisboa: Instituto Piaget.

Lahire, Bernard (2002). *O Homem Plural*, S. Paulo: Ed. Vozes.

Laplantine, F. e Nouss, A. (2002). *A Mestiçagem*, Lisboa: Piaget.

Lévi-Strauss, C. (1977). *L' Identité*, Paris: Grasset.

_____ (1983) [1962]. *La Pensée Sauvage*, Paris: Plon.

Serres, Michel (1993). *O Terceiro Instruído*, Lisboa: Instituto Piaget.

Velho, Gilberto (1981). *Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, Rio de Janeiro: Zahar Editor.

_____ (1994). *Projecto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro: Zahar Editor.

Vieira, Ricardo (1999a). *Ser Igual, Ser Diferente: encruzilhadas da identidade*, Porto: Profedições.

_____ (1999b). *Histórias de Vida e Identidades. Professores e Interculturalidade*, Porto: Ed. Afrontamento.

_____ (2008). “As histórias de vida como instrumento de investigação e (auto)formação de professores, imigrantes e idosos”, in PASSEGGI, M.C. e SOUZA, E. (Org.) (2008). *(Auto)Biografia: Formação, Territórios e Saberes*, Natal /RN: EDUFRN e Paulus.

_____ (2009). *Identidades Pessoais: interações, campos de possibilidade e metamorfoses culturais*, Lisboa: Colibri.

_____ (2011). *Educação e Diversidade Cultural: notas de antropologia da educação*, Porto: Afrontamento.

_____ e Trindade, J. (2008). *Migration, Culture and Identity in Portugal*, in *Language and Intercultural Communication* Vol. 8, No. 1.

_____, (2003). “Vidas revividas: etnografia, biografias e a descoberta de novos sentidos” in CARIA, Telmo H (Org): *Experiência etnográfica em Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 77-96.